

O PARQUE SETORIAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E A CONFORMAÇÃO DE UM SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Arlete Maria FRANCISCO*

Mayra FERNANDES**

Resumo: O Parque Setorial de São José do Rio Preto é parte integrante de um plano paisagístico de áreas verdes ao longo do Rio Preto e do Córrego da Piedade, visando a proteção de suas Áreas de Preservação Permanente (APP) e a implantação de áreas de lazer para a cidade. O projeto foi elaborado pelos arquitetos Jamil José Kfourri e Mithes I. Soares Baffi, em 1977. O projeto definiu dez setores os quais receberam diretrizes específicas quanto à forma de ocupação, proteção das áreas de preservação permanente e uso. Até 2012, apenas 4 setores foram executados - aqueles localizados na região central. Por meio de uma leitura do projeto original e das condições atuais do parque, este trabalho apresenta uma discussão acerca da potencialidade do Parque Setorial de São José do Rio Preto em se constituir como um importante sistema de espaços livres públicos para a cidade.

Palavras-chave: Planejamento Urbano; Sistemas de Espaços Livres; Parque Setorial de São José do Rio Preto.

Abstract: The Parque Setorial in São José do Rio Preto is part of a plan landscaped green areas along the rivers: Rio Preto e Córrego da Piedade, in order to protect their Permanent Preservation Areas (APP) and the implementation of recreational areas for city. The project was designed by architects José Jamil Kfourri and Mithes I. Soares Baffi in 1977. The project defined ten sectors which received specific guidelines as to occupancy, protection of areas of permanent preservation and use. By 2012, only 4 were executed sectors - those located in the central region. Through a reading of

* Professora Doutora da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - Unesp - Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente. arletefrancisco@fct.unesp.br

** Estudante de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - Unesp - Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente. mayraf1304@hotmail.com

the original design and the current condition of the park, this paper presents a discussion about the potential of Parque Setorial in São José do Rio Preto in constituting itself as an important system of public open spaces for the city.

Keywords: System of public open spaces; Urban Plan; Parque Setorial of São José do Rio Preto.

1. INTRODUÇÃO

Os espaços livres públicos de uma cidade são aqueles não cobertos por edifícios. São, portanto, as ruas, as praças, as águas superficiais, os parques, etc. que caracterizam a paisagem urbana (MAGNOLI, 2006); (KLIAS&MAGNOLI, 2006). Seu maior significado, de acordo com estas autoras é o de se constituir em

[...] um bem público onde, além de promover-se o reencontro do homem com a natureza, desenvolvem-se as atividades urbanas. com seus ritmos, em todas as escalas, desde a ida diária ao trabalho, à escola, às compras, o passeio domingueiro até a percepção da mudança das estações do ano. (KLIAS&MAGNOLI, 2006, p.247).

Os parques, dentro do sistema de espaços livres públicos da cidade, desempenham um papel fundamental na medida em que exercem influencia no modelo de urbanização, promovem o lazer e a prática de esportes, além de conferirem reservas de elementos naturais, sobretudo, cobertura vegetal, essenciais para a qualidade ambiental do espaço urbano.

Atualmente, São José do Rio Preto possui quatro parques: o Bosque Municipal; o Parque Ecológico; a Cidade da Criança e o Parque Setorial que abriga o Parque da Represa. Estes são responsáveis por um índice de 8,43m² de área verde por habitante, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas que ainda está abaixo do recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que aponta 12m² de área verde por habitante.

O Parque Setorial foi proposto como "área verde destinada à recreação e esporte de toda a população, ocupando as grandes áreas contínuas disponíveis junto as grandes represas e rios e as áreas com vegetação significativas" (BAFFI&KFOURI, 1977, p.3). Além de realizar o tratamento ambiental para os fundos dos vales do rio Preto e do córrego

Piedade, atenderia grandes parcelas da população e permitiria, também, uma ligação entre as partes da cidade, sobretudo com a zona norte segregada pela dinâmica do zoneamento e do mercado imobiliário e pela barreira física formada pelos cursos d'água e pela linha férrea.

Neste trabalho procurou-se trazer a discussão sobre a importância do Parque Setorial de São José do Rio Preto na constituição de um sistema de espaços livres públicos capaz de contribuir para a melhoria da qualidade ambiental do município e para a qualidade de vida de seus habitantes.

2. O Parque Setorial de São José do Rio Preto

No Relatório sobre Estudo de Urbanização da Cidade realizado no ano de 1958 pelo Engenheiro Heitor José Eiras Garcia foi apontado, como uma das principais falhas do planejamento da cidade, a falta de espaços livres públicos. Assim, o engenheiro propôs, no Plano de Urbanização, a construção de praças e de um parque municipal nos terrenos marginais à represa com atividades voltadas para a população além da necessidade da construção de praças e parques públicos (FRANCISCO, 2008).

Duas décadas após o estudo do engenheiro, o poder público municipal consolida algumas iniciativas a respeito, com a contratação, em 1977, dos arquitetos Jamil José Kfourri e Mithes I. Soares Baffi para realizarem um planejamento paisagístico para São José do Rio Preto. No relatório "Estudo Preliminar das Áreas Verdes e Espaços Abertos de São José do Rio Preto", os arquitetos contemplavam um conjunto de projetos e de medidas de proteção do rio Preto e do córrego Piedade, incluindo o projeto de um parque linear ao longo dos cursos d'água o qual foi melhor detalhado em 1980, por Jamil José Kfourri¹.

Adotou-se um sistema de atendimento de recreação e lazer para a população nas categorias de parque setorial e parque de vizinhança. Os autores consideraram o parque setorial com características de parque urbano na medida em que a sua configuração atravessa toda a cidade.

A seguir, a figura 1 mostra a demarcação das áreas do Parque Setorial bem como os córregos que nortearam esta formação.

¹ Os documentos: "Estudo de áreas verdes e espaços abertos de São José do Rio Preto", de 1977, elaborado por Jamil José Kfourri e Myrthes Soares Baffi; e "Parque de fundo de vale de São José do Rio Preto, de 1980, de Jamil José Kfourri, constituíram diretrizes para a "Política ambiental e de Implementação de Áreas Verdes" proposta pelo Plano Diretor de Desenvolvimento de 1992 – Lei Complementar nº 19.

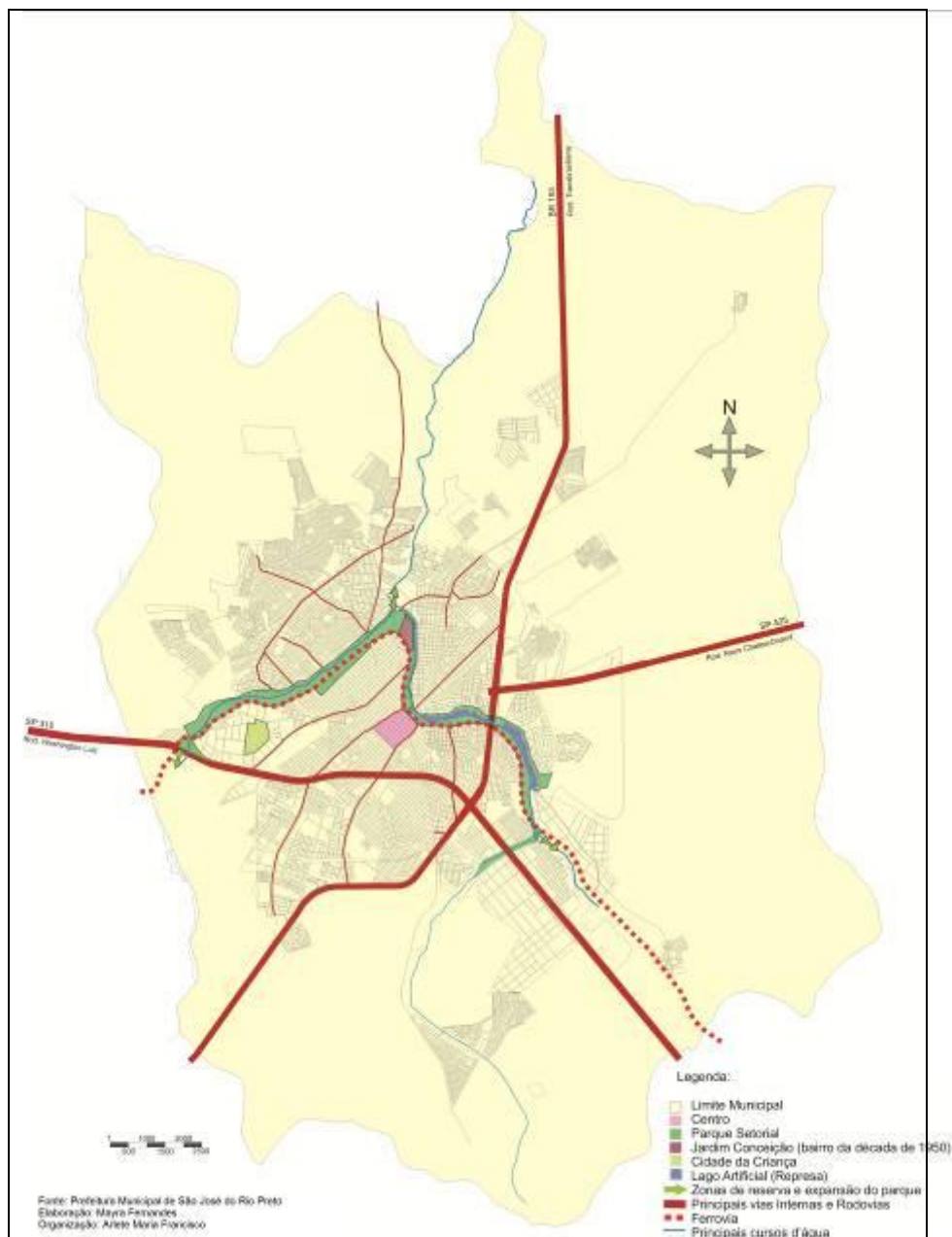


Figura 1. Representação espacial da localização do Parque Setorial e principais vias de acesso de São José do Rio Preto. Fonte: Fernandes (2012).

De acordo com a classificação dos Espaços Livres proposta por Kliks&Magnoli (2006, p.251), parque setorial é aquele formado por "áreas verdes destinadas à recreação ativa e passiva de toda a população do município, com equipamentos para utilização nos finais de semana com um raio de atendimento máximo de 5.000m". Pode-se inferir, pela figura 1, que neste raio, o parque contempla quase toda a cidade. Para as autoras, parque de vizinhança "são áreas verdes destinadas à recreação ativa de crianças de 0 a 10 anos e à recreação passiva. Seu raio de atendimento é de 500m, sem travessia de ruas de trânsito intenso" e parque urbano "são áreas verdes destinadas à recreação ativa de jovens de 11 a 24 anos e à recreação passiva. Seu raio máximo de atendimento é 1.000m".

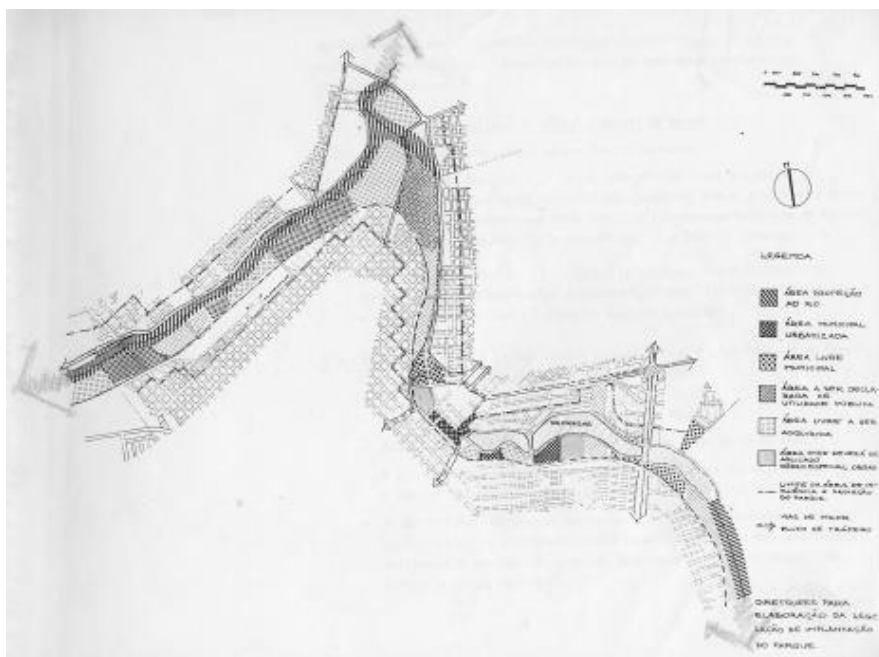


Figura 2. Mapeamento das áreas que iriam compor o parque. Fonte: Kfourri (1980).

Deste modo, de acordo com o projeto, o Parque Setorial abrangeria 17 quilômetros de extensão e aproximadamente 300 metros de largura, num total de 510 ha, atribuindo-lhe grande importância como área verde significativa na cidade como um todo. Ao mesmo tempo em que valorizava a presença da água e da vegetação, incluía diversas atividades esportivas e de lazer (KFOURI, 1980).

Em virtude da sua grande extensão e como critério adotado para a proposição de parque de vizinhança, a área foi dividida em dez setores delimitados pelas vias de maior fluxo de tráfego, nomeados de A a J, os quais receberam diretrizes de ocupação, sintetizados num quadro mostrado na figura 3, o qual reproduzimos, no quadro 1, para melhor visualização.

| TRECHO | OBSERVAÇÕES |
|--------|--|
| A | 1. BIBLIOTECA/MUSEU/CON. POPULAR 2. BAIXOS DOS VIADUTOS E PROLONG. 3. CENTRO DO PQ - PRAÇA CÍVICA |
| B | 1. SETOR AQUÁTICO (REPRESAS) E FUTURA/TE CULTURAL (INSTALAÇÕES SWIFT ²) |
| C | 1. CAMPOS EXIST. DE FUTEBOL E MALHA |
| D | APLICAR LEGISLAÇÃO ESPACIAL DE CONTROLE P/ EVITAR ADENSAMENTO |
| E | SETOR C/ EDIF. GDE PORTE. FUTURA/TE, RECICLADOS P/ FINS CULT. E ADMINISTRAÇÃO DO PQ. 1. POMAR E HORTA PÚBLICOS |
| F | 1. LAGOS P/ A REGULARIZAÇÃO DO RIO (ÁGUAS PLUVIAIS) |
| G | 1. SETOR PRÓX. ÀS INDÚSTRIAS/HORTO/FUTURO VIVEIRO E CLUBE DE CAMPO PALESTRA |
| H | SETOR Q. ATENDERÁ V. TONINHO E PROXIMIDADES |
| I | SETOR DO VALE DOS MACACOS |
| J | APLICAR LEGISLAÇÃO ESP. P/ ESTOQUE DE ÁREA P/ PROLONG. PQ NA REGIÃO DE EXP. DA CIDADE (PREVISÃO NO PLANEJ. URBANO) |

Quadro 1 . Quadro das observações do diagnóstico e Programação do Parque Setorial de São José do Rio Preto. Fonte: Baffi&Kfourri (1977). Elaboração: Arlete Maria Francisco.

Foram realizados apenas os anteprojetos para os setores localizados na área central, A, B1, B2 e C. O trecho A, no domínio do parque, corresponde à “Praça Cívica”, o trecho C2, ao “Conjunto de Lazer e Esportes Tuta Braga”, e os trechos B1 e B2, ao “Parque da Represa” – o trecho de maior visibilidade para a cidade.

A praça cívica anteriormente existente foi redesenhada. No projeto, no setor A (Fig. 4), foi proposto um conjunto de edificações com funções cívico-culturais como biblioteca, museu e anfiteatro; mas apenas a biblioteca foi construída. O seu entorno é marcado pelo Palestra Esporte Clube e pela Estação Ferroviária. No ano de 1997, a prefeitura da cidade realizou obras de revitalização da praça, impulsionada por intervenções na área central.

² Antigos galpões das fábricas Swift, localizados defronte à Represa Municipal, tombado como patrimônio municipal.

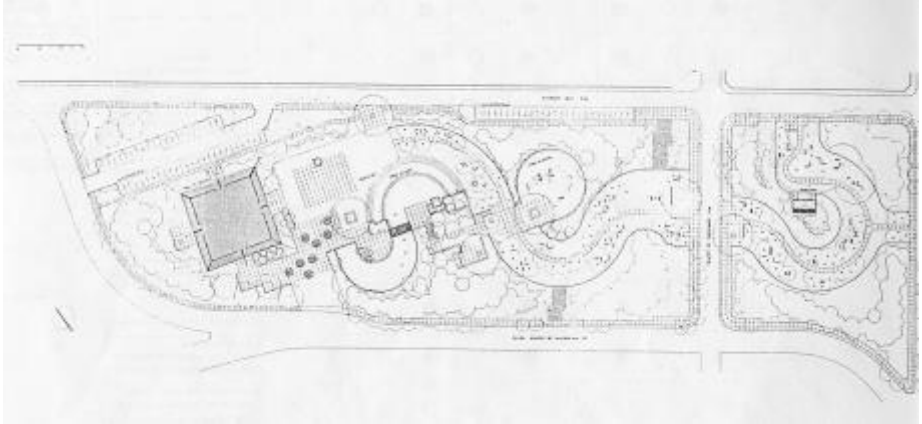


Figura 4: Projeto da Praça Cívica. Fonte: Baffi&Kfourri (1977).

Atualmente, a área da praça conta com a presença de diversos equipamentos, porém acreditamos que existe uma barreira entre a ferrovia e a mesma, pois aquela possui grades e muro, e talvez a criação deste obstáculo faça com que o local fique enclausurado e seja pouco utilizado. Outro motivo que corrobora com o pouco uso do local é que se trata da região central que possui grande número de prédios antigos e poucas residências no entorno da praça, o que faz com que ela por si só tenha que ser um atrativo. A foto 1 mostra a situação da praça e a foto 2, a barreira criada pela estação.



Fotos 1 e 2. A Praça e a Estação. Fonte: Mayra Fernandes, 2012.

No plano inicial, o setor A era compreendido entre as Avenidas Bady Bassit e Alberto Andaló. Desta forma foi programado uso de lazer para áreas que se localizam sob os viadutos destas duas avenidas. Estes usos ocorrem de modo espontâneo e esporádico, conforme observa-se na foto 3.



Foto 3: O viaduto como espaço de lazer. Fonte: Mayra Fernandes, 2012.

O setor B corresponde à área da Represa Municipal, que foi dividido em B1 e B2, pois se tratava do Lago 1 e 2 da Represa, respectivamente (Fig. 5). Na área já existiam vários equipamentos, tais como: o Centro Social e Esportivo Municipal; o Centro Social e Esportivo do Sesi e a Praça da Estação de Tratamento de Água. Foram construídos ainda um anfiteatro aberto, um circuito de ginástica e bicicleta, uma área para piquenique com núcleo de apoio, um mirante e equipamentos para atividades lúdicas³.



Figura 5 – Anteprojeto para o Parque da Represa. Mirthes S. Baffi e Jamil J. Kfourri. 1977. Fonte: Baffi&Kfourri (1977).

³ CULTURA, lazer e esportes: espaço aberto para a comunidade. Projeto, no 105, p. 134-6, nov. 1987, p. 136.

Atualmente, este é o setor mais utilizado do parque e há uma intenção por parte do poder público, e que também estava prevista no plano do parque, de se criar espaços para recreação, esporte, lazer e cultura, e talvez este seja um dos motivos para ser o trecho do parque mais conservado e utilizado (Fotos 4 e 5).



Fotos 4 e 5. Parque da Represa. Fonte: Mayra Fernandes, 2012.

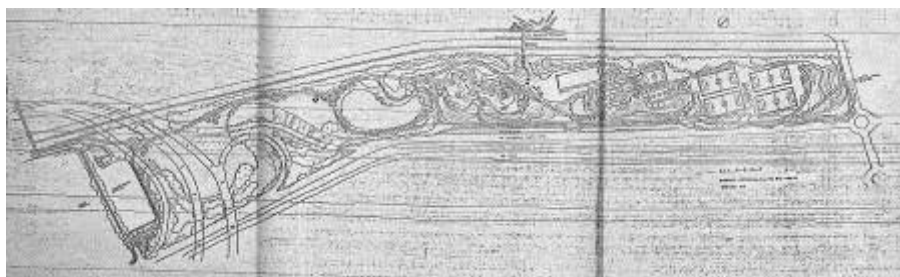


Figura 6. Anteprojeto para o setor C do Parque Setorial. Fonte: Baffi&Kfourri (1977).

O trecho C, por sua vez, tinha propostas para se tornar um setor esportivo (Fig. 6).

Atualmente, a área compreendida por este setor possui playground e quadras poliesportivas em bom estado de conservação (Foto 6). O grande desafio para este trecho é transpor a ferrovia que funciona como forte barreira visual e física (Foto 7). No decorrer do trajeto é necessário transpô-la em mais pontos de modo a garantir o acesso ao parque a partir das duas margens.

No caso do trecho denominado como setor D, podemos observar a formação de dois eixos bem distintos, isto porque ocorre a separação do parque em dois segmentos divididos através do bairro Jardim Conceição,

que tem sua formação anterior à elaboração do plano para o parque. De um lado o parque segue o curso do Rio Preto e, atualmente, está em processo de obras para ser construída uma pista de caminhada e passarelas estaiadas para transpor o rio (Foto 8).



Fotos 6 e 7. A ferrovia como barreira a ser transposta. Fonte: Mayra Fernandes, 2012.



Foto 8. Obras nas margens do Rio Preto. Fonte: Mayra Fernandes, 2012.

Já o outro lado acompanha o trajeto da ferrovia, que se constitui no elemento mais marcante da paisagem e também como barreira física (Foto 9), que deve ser transposta.



Foto 9. A ferrovia e o bairro Jardim Conceição. Fonte: Mayra Fernandes, 2012.

Os setores E, F e G não tiveram as diretrizes do plano inicial aplicadas por uma série de motivos. Isto fez com que toda esta área, que agora acompanha o curso do Córrego Piedade e também a Ferrovia, formasse paisagens contínuas e muito parecidas, resultando em grandes vazios com maior densidade de vegetação nas proximidades do córrego (Fotos 10 e 11).

Paradoxalmente, o que difere estes setores dos demais é a aproximação dos moradores com a área. Isto fez com que eles próprios realizassem pequenas intervenções nas margens do parque (Fotos 12 e 13), como a construção de bancos em diversos pontos, como se fosse uma manifestação natural de que ali devesse existir algum espaço de lazer.



Fotos 10 e 11. As margens do Córrego Piedade. Fonte: Mayra Fernandes, 2012.

No plano inicial, os arquitetos haviam previsto um subsetor denominado G1 que abrangia a área da Cidade da Criança e que deveria receber um eixo de ligação até o parque. Com o tempo, o equipamento se

consolidou isoladamente dentro da cidade e hoje não possui mais relações com o parque.



Fotos 12 e 13. Intervenções dos moradores nas margens do Parque. Fonte: Mayra Fernandes, 2012.

Os setores H e J, por sua vez, compreendem o que conhecemos hoje por Lago 3 da Represa Municipal. Eram setores que, na época, não possuíam um entorno consolidado e eram programados até para servir como reserva do parque, mas hoje a situação se inverteu e seu entorno está totalmente ocupado. Há também nestes setores uma grande diferença entre uma margem em outra (Fotos 14 e 15). Neste caso, além da ferrovia funcionar como barreira, ainda existe o fator socioeconômico da população adjacente que influencia de certa forma a paisagem, pois em uma das margens do rio verificamos ocupações de um segmento mais abastado da população vivendo em condomínios fechados horizontais e, do outro lado da ferrovia, estão os bairros mais populares.



Fotos 14 e 15. As diferenças na paisagem dos setores H e J. Fonte: Mayra Fernandes, 2012.

Por fim, o setor I corresponde ao Setor do Vale dos Macacos e não conta com a ferrovia ao longo de sua área, mas se desenvolve nas margens

do Córrego do Macaco. É um setor que atualmente possui vegetação densa e poucas ou quase nenhuma forma de apropriação (Fotos 16 e 17).



Fotos 16 e 17. Situação atual do setor I. Fonte: Mayra Fernandes, 2012.

Atualmente, a área que compreende o Parque Setorial, de acordo com a Lei de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo de São José do Rio Preto (Lei nº 5135 de 24 de dezembro de 1992) pertence à Zona 10, as chamadas Zonas Especiais, compostas por vazios urbanos, trechos de vias públicas, áreas ou terrenos, merecem tratamento e regulamentação especial para melhor cumprirem a sua função social, a critério da secretaria de planejamento municipal.

3. O Parque Setorial na constituição de sistema de espaços livres públicos em São José do Rio Preto

Dada a diversidade e a extensão do Parque Setorial de São José do Rio Preto, abrangendo parte significativa do espaço urbano, ele, por si, representa grande potencial na constituição de espaços livres públicos na cidade.

De acordo com Magnoli (2006, p.203), "a distribuição de espaços livres para serem apropriados pelo homem (sistema de parques) fica vinculada às maneiras de acessos disponíveis em cada uma das escalas de urbanização, e à frequência dos usuários". Isto significa o quanto acessível é o parque para o usuário, qual a frequência de uso - diário, semanal, domingueiro, feriados, esporádico - e o tempo de permanência no local.

Vimos pela caracterização do parque no item anterior que alguns equipamentos distribuídos nos setores o configuram como parque setorial, tais como: área esportiva no setor C, praça cívica no setor A e área cultural, no setor B. Estas atividades são de longa duração, não tendo importância relevante o tempo e a forma de acesso.

Contudo, se considerarmos a pequena distancia das residências, ao longo do parque, podemos inferir que apresenta grande potencial de parque de vizinhança, conforme pretendiam os autores, embora, seja preciso rever a forma de acesso ao parque, pensando as vias a partir da necessidade do pedestre e não do automóvel. As apropriações pelos usuários do entorno de alguns espaços, verificadas na pesquisa de campo, demonstram a característica de parque de vizinhança, porém justamente a partir de ruas locais.

Como o parque se estende por toda a cidade, ele assume também o caráter de parque urbano, atendendo à maioria dos bairros.

A cidade possui boa quantidade de fundos de vale e, partindo da mesma premissa do projeto original, estes podem ser tratados de maneira adequada à contribuírem para o aumento do índice de áreas verdes, melhorando conseqüentemente a qualidade de vida das pessoas que vivem nesta cidade e, também, contribuindo em alguns casos como alternativas de lazer para a população local.

O aproveitamento das APPs urbanas representa um saldo positivo do incremento e da qualificação dos sistemas de espaços livres da cidade brasileira contemporânea, apesar das inúmeras situações de conflito existentes, como aponta Macedo (2012): a dificuldade de manutenção e gestão de tais espaços; a ausência de projetos que permitam de fato sua utilização pela população; a limitação de recursos públicos na alocação de verbas para projetos e ações em APPs; a indiferença às demandas do cotidiano urbano pelas equipes avaliadoras de projetos paisagísticos para APPs; o porte expressivo dessas áreas dentro de alguns contextos urbanos; a descontinuidade e volatilidade das políticas públicas brasileiras; dentre outros. De acordo com o autor, a APP urbana,

É uma figura urbana nova e que vem como resposta de uma nova ideologia que se concretiza ao final do século passado, como resposta da incompetência na gestão do espaço urbano da sociedade moderna, que acarretou danos muitas vezes irreparáveis a dinâmica ecológica dos diferentes lugares e especialmente levou a constituição de sistemas de espaços livres extremamente deficientes ao crescimento das demandas da população urbana brasileira. (MACEDO, 2012, p. 10).

Hoje, a área do parque setorial de São José do Rio Preto contribui significativamente para a conformação do sistema de espaços livres urbanos e com o índice de área verde por habitante da cidade. Se consideramos os demais fundos de vale e a sua possibilidade como extensão do parque setorial, conforme a figura 7, teríamos um incremento deste índice e a contribuição para a estrutura de uma cidade melhor organizada, do ponto de vista da infra-estrutura e do meio ambiente, e, sobretudo, mais bela.

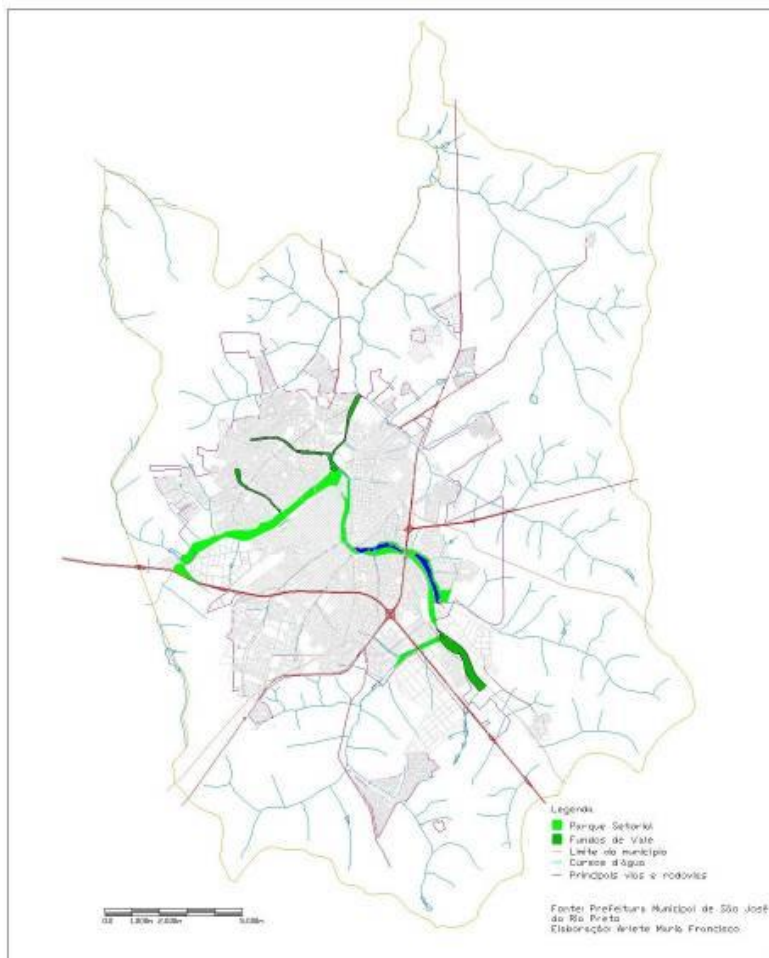


Figura 7. Representação espacial da localização do Parque Setorial de São José do Rio Preto e das áreas estendidas para os fundos de vale.

4. Considerações

Procuramos, neste estudo, fazer uma discussão acerca do papel do parque setorial no âmbito do desenho da cidade e da sua potencialidade para, por si só, constitui-se no sistema de áreas verdes públicas.

Por meio dos estudos realizados pelos arquitetos autores do plano, foi possível levantar uma grande área livre pública de potencial inquestionável para a cidade, capaz de melhorar a qualidade de vida da população local e da qualidade ambiental, mas também como opções de lazer e estar para os moradores. Contudo, é preciso rever este plano, pois além de termos que considerar as transformações da cidade, cuja realidade atual é diferente daquela da década de 1970, estamos tratando de uma área livre pública de grande dimensão que merece planejamento e tratamento adequado.

É preciso que as políticas públicas considerem as características do sítio, procurando extrair da paisagem as questões a serem enfrentadas. Investigar como o aproveitamento das áreas de fundo de vale, juntamente com as ruas, calçadas, praças, etc, na constituição de um sistema de espaços livres públicos, podem definir o caráter da cidade.

Por outro lado, valorizar o espaço público é propiciar a experiência estética do livre circular pela cidade, de permitir a apropriação de um bem acessível a todos e de possibilitar o encontro da diversidade na cidade contemporânea.

5. REFERENCIAS

BAFFI, Mirthes I. S.; KFOURI, Jamil J. *Estudo preliminar das áreas verdes e espaços abertos de São José do Rio Preto-SP*. Relatório apresentado ao Escritório Regional de Planejamento da Prefeitura de São José do Rio Preto. São José do Rio Preto, 1977.

CULTURA, lazer e esportes: espaço aberto para a comunidade. *Projeto*, n. 105, p. 134-6, nov. 1987.

FERNANDES, Mayra. *EntreLinhas: Revisão do Plano para o Parque Setorial de São José do Rio Preto – SP*. Monografia (Trabalho Final de Graduação I). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual “Julio de Mesquita Filho”. Presidente Prudente, jun./2012.

FRANCISCO, Arlete Maria. *Arquitetura e Cidade: habitação vertical em São José do Rio Preto, 1958-2007*. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

KFOURI, Jamil José. *Parque de Fundo de Vale de São José do Rio Preto – SP*. Monografia (Especialização em Paisagismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1980.

KLIASS, Rosa Grena; MAGNOLI, Miranda Martinelli. Áreas verdes de recreação. *Paisagem e ambiente: ensaios*. São Paulo, FAU, n. 21, 2006, p. 245-256.

MACEDO, Silvio Soares et ali. APPs urbanas uma oportunidade de incremento da qualidade ambiental e do sistema de espaços livres na cidade brasileira – conflitos e sucessos. In: Seminário Nacional sobre Áreas de Preservação Permanente em Meio Urbano, 2012, Natal. *Anais...* do II seminário nacional sobre áreas de preservação permanente em meio urbano: abordagens, conflitos e perspectivas nas cidades brasileiras, 9 a 11 de maio de 2012. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. O parque no desenho urbano. *Paisagem e ambiente: ensaios*. São Paulo, FAU, n. 21, 2006, p. 199-213.